

## Risco, riso e respeito: notas sobre a construção da honra entre trabalhadores em minas de carvão no Brasil e na França<sup>1</sup>.

Risk, laughter and respect: notes on the construction of honor among  
workers in coal mines in Brazil and France.

Marta Cioccarì\*

**Resumo:** A partir de etnografia realizada em Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, e em Creutzwald, na Lorena Francesa, durante pesquisa de doutorado (2005-2009), abordo neste trabalho alguns aspectos da construção da honra entre os trabalhadores nestas duas comunidades de mineiros de carvão. Nos dois casos, as minas de subsolo foram fechadas na última década: em 2002, no caso brasileiro, e em 2004, no caso francês. Minha investigação aponta que uma espécie de “grande honra” foi sendo delineada historicamente, servindo de suporte à imagem de heroísmo que carregam os mineiros de subsolo em diferentes lugares do mundo. Junto à “grande honra”, mesclando-se ou opondo-se a ela, há uma multiplicidade de formas de “pequena honra”, alicerçadas na identificação com o *métier*, a partir do “orgulho” do trabalho bem feito ou das “artes” da malandragem, assim como em pertencimentos políticos, sindicais, familiares, religiosos, esportivos, etc.

**Palavras-chave:** Etnografia. Mineiros de carvão. Honra.

**Abstract:** From ethnography in Minas do Leão, Rio Grande do Sul, and Creutzwald, in French Lorraine, during doctoral research (2005-2009), I approach this work some aspects of the construction of honor among the workers in these two communities of coal miners. In both cases, the underground mines were closed in the last decade: in 2002, in Brazil, and in 2004 in France. My research shows that a kind of "honor" has historically been outlined,

---

<sup>1</sup> Este artigo contém elementos da minha tese de doutorado, defendida em 2010 no Museu Nacional, UFRJ, sob a orientação de José Sergio Leite Lopes. Agradeço especialmente a José Sergio e ao professor Moacir Palmeira, que foi um dos membros da minha banca de doutorado, a discussão em torno de aspectos da honra dos trabalhadores. Uma versão preliminar deste texto consta dos anais do 34º Encontro Anual da ANPOCS, realizado em 2010, em Caxambu, MG, dizendo respeito ao ST 32- Sociologia e Antropologia da Moral, que foi coordenado pelos pesquisadores Luis Roberto Cardoso de Oliveira e Alexandre Vieira Werneck.

\* Jornalista e antropóloga, mestre em Antropologia Social pela UFRGS e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ. Atualmente, é pesquisadora e docente Prodoc-Capes no Museu Nacional, UFRJ. E-mail: marta.cioccari@gmail.com.

supporting the image of heroism that carry the miners underground in different parts of the world. Next to the "great honor", merging, or opposed to it, there is a multiplicity of forms of "small honor," grounded in identification with the metier, as "pride" a job well done or "arts" of trickery, as well as political affiliations, trade union, family, religious, sports, etc.

**Keywords:** Ethnography. Coal miners. Honor.

## 1. Introdução

Meu estudo parte da premissa de que ao invés de uma superação da importância da honra entre as classes populares na contemporaneidade este valor é atualizado em novos moldes, obtendo configurações próprias em cada contexto, considerando duas comunidades mineiras no Brasil e na França. Para dar conta desta investigação foi necessário desdobrar a noção de honra formulada por Pitt-Rivers e Peristiany (1965, 1992) em duas dimensões: da "grande honra", mais voltada para as imagens que figuram nas representações idealizadas do heroísmo mineiro, e da "pequena honra", correspondendo aos diversos pertencimentos locais e às suas insurgências nas interações cotidianas, com suas tensões e conflitos internos.

Na condução do trabalho de campo, habitei durante seis meses na localidade de Minas do Leão (RS), entre setembro de 2006 e fevereiro de 2007. Nesta comunidade e na cidade de Butiá, realizei cerca de 60 entrevistas biográficas gravadas e outras 20 com caráter temático. Em Creutzwald, na Lorena francesa, experiência que adoto como contraponto<sup>2</sup>, gravei 25 entrevistas num período de observação de 21 dias (entre fevereiro e junho-julho de 2008)<sup>3</sup>. Em ambas as pesquisas, reuni ainda documentos, fotos, vídeos e arquivos digitais tanto de informantes, como dos sindicatos, das companhias carboníferas e das prefeituras.

A investigação nos dois contextos – assim como a pesquisa documental<sup>4</sup> e bibliográfica – levou-me à percepção de que uma determinada face do sentimento de heroísmo era só uma das construções existentes no imaginário dos trabalhadores das

---

<sup>2</sup> A experiência na França, em função do menor período dedicado ao trabalho de campo, foi usada para iluminar aspectos da etnografia realizada no Brasil. Agradeço à CAPES e ao CNPq pelos financiamentos que permitiram que tais investigações pudessem ser conduzidas.

<sup>3</sup> A experiência de campo na Lorena Francesa deu-se durante meu estágio de doutorado junto ao CRBC-EHESS, entre novembro de 2007 e agosto de 2008.

<sup>4</sup>Consultei arquivos que pertenceram a uma companhia carbonífera gaúcha, o Cadem, no passado, e que foram guardados por uma historiadora local, onde é possível se obter informações sobre as condições de vida e de trabalho dos mineiros entre as décadas de 1920 e 1960. Também tive acesso a arquivos da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) contendo fichas funcionais dos seus empregados. Para um detalhamento das condições de trabalho nas minas de carvão e das representações relacionadas aos perigos enfrentados no subsolo, ver Eckert (1991, 1992) e Cioccarri (2004; 2009a e 2009b, 2010).

minas, ainda que importante e profundamente enraizada. Passei, assim, a denominá-la de a “grande honra” da profissão. No decorrer da pesquisa, percebi que uma abordagem da honra a partir desta faceta heróica, decorrente dos perigos representados pelas minas de subsolo e do imaginário acerca de uma fantasmagoria da mina, encararia só uma parte da questão, correndo o risco de reforçar essa idealização, daí a observação de outras configurações que emergem nas narrativas, nas trajetórias individuais e nos pertencimentos coletivos e que caracterizam as formas da “pequena honra” cotidiana. A construção do heroísmo, tratada aqui como a “grande honra” da profissão, aproxima-se do que Guattari (1986) chamou de perspectiva “molar”, enquanto que a “pequena honra”, relacionada a diferentes aspectos da vida cotidiana, poderia ser remetida a um caráter “molecular”, envolvendo sua atualização e recombinação constante. Ao conceber os conceitos de “grande honra” e de “pequena honra”, inspiro-me no modelo teórico de Redfield (1967) acerca da Grande e da Pequena tradição, a partir de estudos em comunidades camponesas e na forma pela qual as duas tradições interagem como processos complementares, viabilizados pela ação de mediadores.

## **2. Os mineiros franceses e a “grande honra” da profissão**

A partir da pesquisa nos dois contextos, pude perceber que a noção de “grande honra” encontra sua mais clara ilustração entre os mineiros franceses. Ela parte de uma “mitologia” criada em torno do mineiro de subsolo, com sua reverberação íntima mais ou menos entranhada nos sujeitos. Os aportes representados pela literatura e pelas autobiografias operárias iluminaram meu trajeto de pesquisa. A partir destas fontes, foi possível compreender que a “grande honra” da profissão do mineiro de carvão atravessa diferentes nações e culturas, tendo sido alimentada desde o século XIX pela literatura (com obras de Victor Hugo, 1866, e de Émile Zola, 1881, por exemplo), assim como pelas biografias e autobiografias operárias (como as de Malva, 1978, e de Viseux, 1991, entre outros). Esta “grande honra” ganhou corpo com as campanhas movidas pelo Estado – francês, inglês, alemão<sup>5</sup>, e, antes, soviético –, com o apoio de sindicatos, visando tornar o mineiro o primeiro operário” do país e convertê-lo num modelo moderno do proletariado (DESBOIS, JEANNEAU e MATTÉI, 1986). As homenagens, as medalhas e placas concedidas aos trabalhadores, enaltecendo a “honra do trabalho”, especialmente na França, resultaram de uma política com o propósito de estimular a produção carbonífera na crise

---

<sup>5</sup> Barrington Moore Jr. (1987).

gerada pela Segunda Guerra Mundial. No entanto, tais práticas de enaltecimento do trabalho se mantiveram até o fim da mineração carbonífera naquele país.

Até a desativação da última mina da Lorena, La Houve, em 2004, os mineiros franceses continuaram a receber medalhas de “Honra do Trabalho”, comemorativas aos 20, 25, 30 e 35 anos de trabalho, mas era necessário que as solicitassem à companhia. Vários ex-mineiros que entrevistei naquela região exibiam com orgulho, diante de uma pesquisadora estrangeira, sua coleção de medalhas e de placas honoríficas, caracterizando a “grande honra” da profissão, como no caso do ex-mineiro Roger Stark, militante da CGT e do PCF. Mas nem todos compartilhavam interiormente do significado de tais “honras”. Quando perguntei ao ex-mineiro de origem polonesa Stanislas, de 79 anos, por que os trabalhadores solicitavam essas medalhas, sua resposta desfez as idealizações de uma aspiração honrosa, evidenciando razões práticas: um dia de trabalho pago, uma cerimônia na qual “ouviam um discurso besta e tudo”, mas na qual podiam passar quatro horas tranquilamente, bebendo champanhe e fumando. E, à noite, havia a saída com os companheiros para novos festejos. De sua parte, ele não via heroísmo na profissão: “Não é um herói, para mim é um trabalho para ganhar dinheiro. Isso é tudo!” Lembrava que, no começo da carreira, havia a “febre”, a paixão pela mina, mas salientava que esta desaparecia após quatro ou cinco anos no subsolo. Quando lhe perguntei se ele havia pensado em mudar de profissão, olhou-me sério e respondeu resolutivo: “E fazer o quê?!” A mina era o seu horizonte possível. Já Graziano Balzani, filho de operário-camponês italiano que começou a trabalhar nas minas francesas em 1961, mostrava-se comovido quando assistimos ao vídeo com imagens da cerimônia de entrega de medalhas na qual era um dos homenageados. A condecoração era vista como um evento simbólico que fazia referência ao conjunto de uma vida. A nostalgia estava ligada, sobretudo, à relação de camaradagem com os companheiros de jornada.

### **3. As múltiplas formas da “pequena honra” em Minas do Leão (RS)**

O conceito de “pequena honra” foi sendo esboçado durante minha etnografia em Minas do Leão (RS), em que a observação das práticas sociais, a interação com as famílias e a escuta das narrativas remetiam à construção cotidiana de uma dignidade pessoal e coletiva dizendo respeito tanto ao trabalho como ao esporte, à política, à religião e à vida familiar. Ao analisar os dados obtidos neste contexto, os estudos de Bailey (1971) sobre reputações contribuíram para eu desenhasse os contornos da noção de “pequena honra”, cujo valor se inscreve na vida ordinária. Segundo este autor, em pequenas comunidades, a

pequena política da vida cotidiana de cada um está ligada às reputações, o que significa “ter um bom nome”, “evitar a desqualificação social” (BAILEY, 1971: 21). Sugiro assim que a “pequena honra”, tal como a reputação estudada por Bailey, precisa do reconhecimento dos outros, mas está calcada num sentimento íntimo (que lhe corresponde ou lhe contradiz), enquanto que a reputação mantém o seu carácter de exterioridade.<sup>6</sup>

Desta forma, passei a considerar como “pequena honra” a combinação entre o prestígio que cada um obtém socialmente e a estima de si, seu próprio sentimento de dignidade, que tanto é alimentado por esse reconhecimento como o alimenta na esfera social. Tal como na “grande honra”, as formas de “pequena honra” se constituem na tensão entre o prestígio e o desprestígio, o respeito e o desrespeito. Surgido da investigação conduzida entre comunidades de mineiros, a noção de “pequena honra” poderia ser estendida a outras categorias de trabalhadores, podendo iluminar aspectos que ancoram valores presentes entre outros segmentos.

Não foram muitas as ocasiões em que escutei a palavra “honra” em minhas interações de campo em Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, mas o leque de expressões que registrei, a manifestação de sentimentos e ações me remeteram a uma importância conferida a esta noção. O termo “honra” foi evocado espontaneamente em algumas circunstâncias, como neste exemplo: Alex, um rapaz de 24 anos que trabalhava como eletricista nas obras de implantação da mina de Leão II<sup>7</sup>, contratado por uma empreiteira terceirizada, me dizia que, no tempo do seu pai, ex-mineiro de subsolo, saber manusear o facão nas brigas de rua que marcavam as disputas masculinas na vila mineira era uma “questão de honra”. Perguntei-lhe então qual era a “questão de honra” da sua geração. A partir de seu relato, percebi que estavam em jogo novos ideais e novas moralidades. Ele respondeu que a nova questão de honra era “sair da cidade e se qualificar profissionalmente para encontrar um emprego melhor”. Ou seja, como o ingresso e a carreira na mina não são mais caminhos “naturais” para os filhos de mineiros, a “questão de honra” não estaria mais condicionada à coragem, à força e à habilidade física (que fazia tanto a fama dos “valentes” como compunha a honra profissional na mina). O tempo presente estaria exigindo disposição e esforço pessoal para buscar uma qualificação técnica nos grandes centros urbanos que pudesse se reverter em mérito profissional, de forma a ocupar melhores postos de trabalho. Não me alongarei aqui sobre esta questão, mas devo assinalar de passagem que própria noção de “honra masculina” se alterou.

<sup>6</sup> Na definição de Bailey (1971:4), a reputação não é uma qualidade que a pessoa possui, mas a opinião que as outras pessoas têm dela.

<sup>7</sup>Leão II é uma “nova” mina de subsolo, de 180 metros de profundidade, cuja construção começou nos anos 1980 e que foi retomada nos últimos anos.

Em Minas do Leão, a noção que estou denominando de “pequena honra” se expressa, particularmente, nas manifestações de “orgulho” que não se limitam à profissão de mineiro (condição que pode ou não evocá-lo), mas que se esboça ainda no interior de outros liames – como o pertencimento a certa família ou origem cultural, a uma militância ou posição política, a determinada religião, time de futebol, etc. Outros termos evocados pelos interlocutores são a “consideração”, o “respeito”, dizendo respeito a laços sociais ou familiares, valores vistos como transmissíveis de geração a geração e que podem se relacionar com a posição ocupada na companhia carbonífera no passado. Muitas referências são feitas à “reputação”, à importância de se ter amigos, crédito, de preservar o “bom nome”, a estima dos outros e de evitar a “desconsideração” e o “desrespeito”. Formas de honra parecem estar em jogo ainda nas atribuições e/ou auto-atribuições em torno do “dom” (usado geralmente por referência ao sagrado) e das habilidades e talentos (para o trabalho, o esporte, a política ou mesmo para a “malandragem”), que demandam o reconhecimento coletivo.

Quando se toma o mundo da mina por referência, concomitantemente ao sentimento de heroísmo relacionado aos riscos e às peculiaridades da profissão, encontram-se formas de negação deste heroísmo. Neste sentido, encontra-se a menção feita por ex-mineiros, num tom entre jocoso e afetivo, de que sua categoria profissional “é a classe mais ordinária que existe”, “a mais sem-vergonha”, a “mais bagaceira”, remetendo ao orgulho de uma malandragem bem cultivada. Em Minas do Leão, este valor constitui-se como uma forma por vezes contraditória de constituição de prestígio, exibindo certos valores afirmados socialmente e ferindo outros presentes também na moralidade local.

Considero que, neste contexto, a pequena honra profissional pode revelar-se pela afirmação dos valores do esforço, da competência e da habilidade técnica, encarnando uma intensa dedicação à atividade. Mas a habilidade, o dom de que se orgulha o mineiro pode estar relacionada não ao trabalho, mas às formas de esquiva da disciplina industrial, mais exatamente a uma cultura da malandragem, que parece compor intensamente o imaginário de Minas do Leão. Neste universo, o valor social da malandragem é o resultado de uma ressemantização que enfatiza o mérito da *performance* mais do que um determinado conteúdo moral de tal comportamento. Sabe-se que, em determinados contextos, uma “má reputação” pode ser tanto ou mais prestigiosa que uma “boa reputação”, pois as definições estão em permanente negociação. De outro modo, a valorização da astúcia, da esperteza, da ousadia pode entrar em contradição com outros valores morais presentes na sociedade local, contrapondo ao valor da verdade uma legitimação da mentira, do logro, da obtenção de vantagem pessoal. Mas tais deslizamentos morais podem ser justificados pelo

estabelecimento de uma moral mais voltada às insurgências da vida prática, considerando-se os aspectos relacionais e o contexto em que as lógicas operam.

Nos relatos e análises de trajetórias sobre a atividade na mina, encontra-se freqüentemente o orgulho do “trabalho bem feito” (a expressão é adotada também por Hoggart, 1973, e Leite Lopes, 1976, 1988), da competência e da habilidade profissional desenvolvida ao longo de anos de prática, por vezes vista como apreendida na relação com companheiros de trabalho ou herdada de gerações de mineiros (gente que “sabia desde criança que o carvão era preto”, como ouvi na Lorena francesa). Junto à “grande honra” que idealiza o trabalho mineiro, na vida cotidiana há formas nas quais a “pequena honra profissional” se apresenta, por exemplo, relacionada à conversão do trabalho a um estatuto de “arte”<sup>8</sup>, sobre a qual se colocam as competências técnicas apreendidas, o caráter de uma transmissão (como aprendiz ou como filho de mineiro), conformando uma dedicação que possui os contornos do “gosto”, do “amor” pelo ofício. Essa modalidade de “pequena honra” ligada ao exercício primoroso da profissão pode reforçar as imagens grandiosas da “grande honra” ou conjugar-se eventualmente a uma honra familiar ao enfatizar uma hereditariedade na reprodução da atividade, a “patrilinhagem” (ECKERT, 1995).

A “pequena honra profissional” pode revelar-se, portanto, pela afirmação dos valores do esforço, da competência, do conhecimento e habilidade técnica, encarnando uma dedicação intensa à atividade. Podem-se identificar ainda traços deste tipo de honra na semi-profissionalização dos jogadores de futebol das equipes que surgiram em torno das minas. Pode-se dizer que a “pequena honra profissional” guarda uma ligação íntima com a “grande honra”, mas opõe-se à mistificação do trabalho mineiro, contrapondo-lhe aspectos mais práticos e menos idealizados em sua motivação. O “gosto” pelo trabalho ou pela mina surge nas justificativas sobre o engajamento envolvendo os benefícios representados pelos ganhos salariais, pela duração da jornada de trabalho, pelo regime especial de aposentadoria, etc.

Entretanto, a habilidade, o dom de que se orgulha o mineiro pode estar relacionada, como foi dito, não ao trabalho, mas às formas de esquiva da disciplina industrial, em práticas que conformam uma espécie de “jogo”. Pode-se dizer que, num universo no qual a honra parece estar sempre em disputa, com as reputações se alterando rapidamente, dada à intensa suscetibilidade nas relações sociais, expressa na relativa facilidade com que se fazem inimigos e acontecem as rupturas entre parentes ou amigos de longa data - bastando para isso um determinado episódio visto como de “desrespeito” ou de “desconsideração”

<sup>8</sup>Sobre o trabalho elevado à categoria de arte, destacam-se as pesquisas de Alvim sobre os “artesãos do ouro” (apud. LEITE LOPES, 1976), sobre os “artistas” na usina de açúcar, em Leite Lopes (1976) e sobre o “pescador feito”, em Duarte (1999).

que nenhuma das partes tem a disposição de esclarecer porque uma nova aproximação poderia ferir o seu orgulho - pode-se também inverter a formulação para realçar o fato de que no jogo está sempre envolvida uma dose de honra. Insisto, porém, que as noções de jogo e de honra não lançam luz apenas sobre a sociabilidade, lúdica ou agonística.<sup>9</sup>

Identifico assim nesta comunidade uma espécie de “espírito do jogo”, que permeia desde o mundo do trabalho na mina, passa pelo terreno flutuante da política local e ingressa na vida privada. Sabe-se que os jogos envolvem também a dimensão do risco, como bem indicou Callois (1967). Tanto a forma ampla da “pequena honra relacionada ao jogo” como a específica relacionada à “pequena honra da malandragem” distingue o seu detentor por seu talento, habilidade física ou verbal, sorte, audácia, criatividade, força ou valentia. Desta maneira, a noção de jogo parece atravessar as diferentes dimensões da existência. No que diz respeito à sociabilidade e ao esporte, pode contribuir com o acréscimo de uma honra profissional (como no caso dos mineiros-jogadores das equipes de futebol ligadas às minas), assim como pode reforçar laços de parentesco (em equipes criadas em torno de famílias).

Além do orgulho pelo “trabalho bem feito”, pelas habilidades para aperfeiçoar ou “inventar” formas de trabalho ou mesmo equipamentos<sup>10</sup>, ou mesmo a “coragem” necessária para empreender a carreira de mineiro de subsolo e, também, a que é demandada para enfrentar patrões e chefias, encontram-se entre os trabalhadores de Minas do Leão as manifestações destacando a “esperteza”, a “ousadia” e a própria arte da malandragem - que, no universo da mina, pode tornar-se fonte de prestígio e de reconhecimento. Os personagens que detém talento e disposição para o exercício destas artes de fazer e de dizer (DE CERTEAUX, 1994) costumam ser muito apreciados, de forma bastante similar à descrita por Hoggart (1973, p.164) entre bairros operários ingleses, de que o verdadeiro herói do proletariado é o herói cômico não o herói romântico. No contexto em que pesquiso, a falta de vergonha<sup>11</sup> – seja para o enfrentamento com o patrão, seja para a brincadeira - coaduna-se com o jogo de cintura, com a habilidade verbal e corporal esperada de um “mineiro de verdade”.

### **Considerações finais**

---

<sup>9</sup>Sobre a dimensão lúdica, ver Huizinga (1980). Sobre o caráter agonístico, ver Callois (1967) e o sugestivo uso que Comerford (2003) faz do termo, em seu estudo sobre o meio rural.

<sup>10</sup>Tal como os “artistas” referidos por Leite Lopes (1976).

<sup>11</sup> Sobre a questão da “vergonha” nas classes populares, ver Duarte (1987b).



Neste artigo, procurei explorar aspectos da investigação realizada em duas comunidades de mineiros de carvão, no Brasil e na França, sugerindo como certos trajetos etnográficos realizados em contextos diversos e sob distintas condições e durações podem ser complementares para iluminar os resultados de uma pesquisa antropológica. Debruçada sobre a questão da honra profissional dos mineiros, a partir dos dados obtidos nos dois contextos, pude alargar a minha hipótese original – em torno da heroicidade mineira – para duas dimensões: a da “grande honra”, composta por imagens e representações que atravessam diferentes culturas, e a das formas sempre múltiplas da “pequena honra”, com suas especificidades em cada contexto.

Deve-se destacar que, entre os paradoxos da honra indicados por Pitt-Rivers (1983, 1992) está o fato de que um sentimento de dignidade nem sempre é acompanhado de um reconhecimento social na forma de prestígio ou de popularidade positiva, com os comentários sobre a reputação ficando à mercê de afinidades pessoais, políticas, profissionais, etc. Por exemplo, um ex-mineiro com uma trajetória de destaque nas lutas sindicais dos anos 1960 naquela região carbonífera era mencionado com certo desprezo nos comentários de um ex-encarregado que tinha uma posição política antagônica à sua. Era apontado como “um agitador” e alguém que “quando foi candidato a vereador, fez só meia dúzia de votos”. A mulher de outro ex-mineiro, que foi vizinha deste mesmo líder sindical num antigo bairro operário, via-o como alguém “violento e perigoso”<sup>12</sup>. É preciso notar que a construção das reputações – e da própria honra – está sempre sujeita aos meandros das diferenças ideológicas e aos conflitos advindos de relações pessoais ou de vizinhança. Essa desqualificação do outro, praticada com um tom que se disfarça indiferente, pode ser movida por diversas razões, das quais não se exclui uma competição pela própria atenção do antropólogo.

Nesta comunidade, como foi dito, há uma grande preocupação dos moradores em relação à própria reputação, tecida pelas observações e comentários alheios, de cuja construção cada qual participa no sentido de preservar a própria imagem (e a própria honra) e em estabelecer a vigilância sobre os demais. A pesquisa revela também uma série de clivagens e conflitos que contrasta com a apresentação feita pelos habitantes a forasteiros, como sendo de um local em que “todo mundo é unido”. As identidades e o sentimento pessoal e coletivo de valor são forjados nesses entrecruzamentos de mundos que atravessam e circundam o universo da mina, nos quais há relações de sobreposição, de mistura, mas também de tensão e de exclusão.

---

<sup>12</sup>Características, aliás, que o próprio ex-líder sindical atribui a si mesmo, mas vendo-as como marcas de uma atuação combativa e corajosa para enfrentar a opressão patronal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, Frederick. George. **Gifts and poison: the politics of reputation**. Oxford: Basil Blackwell, 1971.
- BEAUD, Stéphane.; PIALOUX, Michel. **Retour à la condition ouvrière**. Paris: Fayard, 1999.
- CALLOIS, Roger. **Les jeux et les hommes**. Paris: Gallimard, 1967.
- CIOCCARI, Marta. **Ecos do subterrâneo: estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS)**. Porto Alegre: PPGAS, UFRGS, 2004. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)
- \_\_\_\_\_. Du rire et de la tragédie : notes sur la construction héroïque du métier de mineur de charbon au Brésil et en France. **Passages de Paris**. Paris: APEB-Fr, v. 2008, p.1-18, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Reflexões de uma antropóloga “andarina” sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: PPGAS-UFRGS, ano 15, n.32, p.217-246, jul./dez.2009b.
- \_\_\_\_\_. **Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão**. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, 2010. (Tese de Doutorado em Antropologia Social).
- COMERFORD, John. **Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DESBOIS, Évelyne; JEANNEAU, Yves ; MATTÉI, Bruno. **La fois des charbonniers: les mineurs dans la Bataille du charbon 1945-1947**. Paris: FMSH, 1986.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba**. Niterói : EdUFF, 1999.
- ECKERT, Cornelia. **Une ville autrefois minière: La Grand-Combe, étude d'Anthropologie Sociale**. Paris: Université Paris V, Sorbonne, Sciences Humaines, 1991. (Thèse de Doctorat en Anthropologie Sociale).
- \_\_\_\_\_. Relato de uma pesquisa etnográfica na França. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**. Porto Alegre, v.15, p.9-30, jul. 1992.
- FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- FOSTER, George. The dyadic contract: a model for the social structure of a Mexican peasant village. In: POTTER, J. M. et al. (orgs.) **Peasant Society: a reader**. Boston: Little Brown, 7ª ed., 1967, pp. 213-230.
- GAUTHERON, M. (org.). **A honra: imagem de si ou dom de si: um ideal equívoco**. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: LP&M, 1992.
- GUATTARI, Félix. **Les années d'hiver: 1980-1985**. Paris: Bernard Barrault, 1986.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- HERZFELD, Michael. Honour and shame: problems in the comparative analyses of moral systems. **Man**. New Series, v. 15, n.2 (Jun.,1980), p. 339-351.

- HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- HUGO, Victor. [1866]. **Os trabalhadores do mar**. Tradução de Machado de Assis. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva.
- LEITE LOPES, José Sergio. **O vapor do diabo**: o trabalho dos operários de açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/Brasília: Ed. Marco Zero e Ed. Universidade de Brasília, 1988.
- MALVA, Constant. **Ma nuit au jour le jour**. Paris: Ed. Maspero, 1978.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2001.
- MOORE JR, Barrington. Militância e apatia no Ruhr antes de 1914. In: **Injustiça**: as bases da obediência e da revolta. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- NASH, June.; ROJAS, Juan. **He agotado mi vida en la mina**: autobiografía de un minero boliviano. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.
- PALMEIRA, Moacir. Política e tempo: uma nota exploratória. In: PEIRANO, M. **O dito e o feito**: ensaios de antropologia de rituais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- PERISTIANY, John. PITT-RIVERS, Julian. (orgs.). **Honor y gracia**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.
- PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G. (org.) **Honra e vergonha**: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. p. 13-59.
- \_\_\_\_\_. **Anthropologie de l'honneur**: la mésaventure de Sichem. Paris : Le Sycomore, 1983.
- \_\_\_\_\_. A doença da honra. In: GAUTHERON, M. (org.). **A honra: imagem de si ou dom de si**: um ideal equívoco. Porto Alegre: LP&M, 1992. p. 17-32.
- REDFIELD, Robert. The social organization of tradition. In: POTTER, J.M. et al.(orgs). **Peasant society: a reader**. Berkeley : University of California, 1967, p.25-34.
- WISEUX, Augustin. **Mineur de fond**. Paris: Plon, 1991.
- ZOLA, Émile. [1881]. **Germinal**. Tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Recebido em setembro de 2011  
Aprovado em dezembro de 2011